



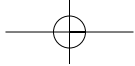
### *16 de Junho*

Esta noite fui ao Kabuki. Tudo o que queria ver era Suke-roku e não tinha qualquer intenção de assistir ao resto do programa. Kanya no papel de herói não me interessava, mas Tossho representava Agemaki e eu sabia que daria uma bela cortesã. Fui com a minha mulher e Satsuko; Jokichi juntou-se-nos vindo do escritório. Apenas a minha mulher e eu conhecíamos a peça; Satsuko nunca a tinha visto. A minha mulher pensa que talvez a tenha visto com Danjuro no papel principal, mas não tem a certeza. Eu, porém, tenho a recordação nítida de o ver desempenhá-lo. Penso que foi por volta de 1897, quando eu tinha treze ou catorze anos. Foi o último Suke-roku de Danjuro; morreu em 1903. Vivíamos então no bairro Honjo de Tóquio e ainda me lembro de passar por uma famosa loja de gravuras — como se chamava? — com um tríptico de Suke-roku na montra.

Calculo que esta fosse a primeira tentativa de Kanya nesse papel e, evidentemente, a sua representação não me seduziu. Nos últimos tempos, todos os actores cobrem as pernas com calças justas. Por vezes, estas estão enrugadas, o que estraga por completo o efeito. Deviam empoar as pernas e deixá-las nuas.

A Agemaki de Tossho agradou-me muito. Decidi que valia a pena vir só por isso. Outros poderiam ter representado melhor, mas há muito tempo que não via uma Agemaki tão bela. Embora não tenha inclinações homossexuais, noto, recentemente, uma estranha atracção pelos jovens actores de Kabuki que desempenham papéis femininos. Mas não fora do palco. Não me interessam, a não ser que estejam maquilhados e com vestuário feminino. Mesmo assim, se pensar nisso, talvez admita uma certa inclinação.

Quando era novo, passei por uma experiência desse tipo, embora apenas uma vez. Havia um jovem e atraente actor de papéis femininos chamado Wakayama Chidori. Estreou-se no Teatro Masagu, em Nakasu, e depois de ficar um pouco mais velho representou com Arashi Yoshizaburo. Digo «mais velho», mas tinha à volta de trinta anos e era ainda muito belo: parecia que estávamos a olhar para uma mulher no auge da vida e não se acreditava que era um homem. No papel de filha em *Um Vestido de Verão*, de Koyo, achei-a — ou antes, achei-o — verdadeiramente encantador. Uma vez, observei por graça à dona de uma casa de chá que gostaria de o convidar um dia para sair, vestido como estava no palco, e talvez mesmo ver como se portava na cama. — Posso arranjar-lhe isso — respondeu-me. E fê-lo! Correu tudo muito bem. Dormir com ele foi o mesmo que dormir com uma gueixa da forma habitual. Em resumo, era uma mulher em todo o sentido da palavra, que nunca deixava o seu parceiro pensar nele como homem. Veio para a cama com uma vistosa roupa interior de seda e, usando ainda a sua elaborada cabeleira, deitou-se no quarto escurecido com a cabeça sobre uma almofada alta de madeira. Foi uma experiência muito estranha; possuía uma técnica extraordinariamente hábil. Porém, na realidade, não era hermafrodita mas um homem bem fornecido. A sua técnica fazia com que nos esquecêssemos disso.



No entanto, apesar da sua habilidade, nunca apreciei esse tipo de coisas e, por isso, a minha curiosidade ficou satisfeita após uma única experiência. Nunca a repeti. Porém, porque é que, agora que tenho setenta e sete anos e já nem sequer sou capaz de tais relações, comecei a sentir-me atraído não por raparigas bonitas de calças mas por homens jovens e atraentes com vestuário feminino? A minha antiga memória de Wakayama Chidori simplesmente renasceu? Duvido. Não, parece haver nenhuma relação com a vida sexual de um velho impotente — mesmo que se seja impotente, tem-se algum tipo de vida sexual...

Hoje, tenho a mão cansada. Paro aqui.



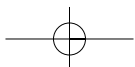
### *17 de Junho*

Deixem-me acrescentar algo mais ao que aconteceu ontem. Embora chovesse ontem à noite — começou a época das chuvas — achei o calor opressivo. É claro que o teatro tinha ar condicionado, mas aquele ambiente é muito mau para mim. Fez com que a neuralgia da minha mão esquerda doesse mais do que nunca e a dormência também piorou. Tenho sempre problemas desde o pulso até às pontas dos dedos mas, na noite passada, a dor chegou até ao cotovelo e, por vezes, mesmo mais acima até ao ombro.

— Vês, eu não te disse? — insistiu a minha mulher. — Mas não me deste ouvidos. Ainda achas que valeu a pena vir? A uma representação de segunda como esta?

— Oh, não é assim tão má. Só olhar para aquela Agemaki ajuda-me a esquecer a dor.

As suas censuras tornaram-me ainda mais teimoso. O meu braço, porém, estava a apanhar muito frio. Usava roupa inte-



rior de malha de seda, um quimono sem costuras de lã fina e porosa e, por cima, um casaco de Verão de seda crua; além disso, tinha a mão esquerda numa luva de lã cinzenta e segurava um aquecedor de bolso embrulhado num lenço.

— Compreendo o que o pai quer dizer — afirmou Satsuko.

— O Tossho é maravilhoso!

— Querida... — começou Jokichi, mas mudou de tom. — Satsuko, aprecias também, realmente, a sua representação?

— Quanto à representação, não sei, mas é lindo. Pai, e se viéssemos à *matinée* amanhã? Vão fazer a cena da Casa de Chá de *Os Suicídios de Amor em Amijima* — será maravilhoso a representá-la! Não gostaria de vir amanhã? Quanto mais tempo esperar, mais quente ficará.

Para dizer a verdade, o meu braço estava a incomodar-me tanto que pensara desistir do programa da *matinée*, mas a embrição da minha mulher fez-me desejar vir de novo por pura perversidade. Satsuko era espantosamente rápida a perceber como me sentia. A razão de ter caído em desgraça junto de minha mulher é porque, em casos como este, ela ignora-a e tenta agradar-me. Suponho que gosta bastante de Tossho mas, provavelmente, está mais interessada em Danko, que iria representar o herói.

A cena da Casa de Chá no programa da tarde de hoje começou às duas horas e terminou por volta das três e vinte. Estava mais quente do que ontem, com um sol tórrido. Eu também estava preocupado com o calor, mas especialmente com o efeito daquele ar condicionado intenso no meu braço. Hoje, o frio seria ainda pior. O nosso motorista queria que partíssemos cedo. — Não tivemos qualquer problema ontem à noite — disse ele — mas nesta altura do dia vamos encontrar, com certeza, uma manifestação qualquer no Departamento da Alimentação ou na Embaixada Americana.

Tivemos de sair à uma hora. Éramos só nós os três, Jokichi não viera.

Felizmente, chegámos sem grande atraso. O prelúdio ainda estava a decorrer. Fomos para o restaurante esperar que acabasse. Satsuko e a minha mulher comeram gelado e pedi também para mim, mas esta não o permitiu. A cena da Casa de Chá incluía Tossho como Koharu, Danko como Jihei e Ennosuke como Magoemon. Lembro-me de a ver, há anos, no Teatro Shintomi com o pai de Ennosuke representando Magoemon e o antigo Baiko fazendo de Koharu. O Jihei de Danko foi muito intenso, podendo ver-se que dava tudo por tudo; mas era demasiado intenso, demasiado forçado, e acabou por parecer tenso e nervoso. É claro que isso era de esperar num jovem com um papel tão importante. Espera-se que os seus esforços sejam recompensados. Mas penso que ele deveria ter escolhido um papel do repertório de Edo, em vez de tentar representar uma personagem de Osaca. Tossho também representou soberbamente hoje, embora tenha a sensação de que esteve melhor como Agemaki. Não ficámos para a terceira parte do programa.

— Já que viemos até aqui, vamos passar por um armazém — sugeri, esperando que a minha mulher apresentasse objecções. Foi o que fez.

— Não achas que já te expuseste demasiado ao ar condicionado? Está tanto calor que devias ir directo para casa!

— Vês como isto está? — perguntei, mostrando-lhe a ponta da minha bengala de acácia. — A ponteira soltou-se. Não sei porquê, mas nunca duram muito tempo. Dois ou três anos, no máximo. Talvez consiga encontrar uma bengala que me agrade no Isetan.

Na verdade, tinha outra coisa em mente, mas não a referi. — Nomura, achas que conseguimos evitar as manifestações no caminho de regresso?

— Acho que sim.

Segundo o nosso motorista, uma facção da Federação dos Estudantes saíra hoje à rua. Parece que tinham planeado